

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I N.º 9
AGOSTO DE 1958

Composição e impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B R A G A =

EX.º SR. DR. JOSÉ GONÇALO CORREIA DE OLIVEIRA

Este nosso ilustre e estimado conterrâneo foi superiormente designado e investido na pasta de Secretário de Estado do Comércio

Toda a gente de São Paio teve conhecimento da grande prova de confiança e alta distinção com que Sua Ex.ª foi honrado, com muita satisfação e íntima alegria.

De facto, a todos aprouve verificar que, no meio de tão profunda e extensa remodelação ministerial, quem superiormente dirige o Governo julgou imprescindíveis à Nação e ao comércio português, a alta capacidade e superior visão, a equilibrada apreciação dos valores espirituais e materiais, o espírito de sacrifício e abnegação do Sr. Dr. José Gonçalo Correia de Oliveira.

Por isso mesmo, por vermos reconhe-

cidas e honradas as virtudes e qualidades do nosso querido e respeitável conterrâneo e ainda por verificarmos que Sua Ex.ª teve a coragem e o desinteresse suficientes (embora com prejuízo da sua vida particular) para colocar esses grandes predicados ao serviço da Pátria, por isso mesmo, dizíamos, viva e efusivamente o felicitamos apresentando os parabéns sinceros de todo o povo de São Paio.

Mais ainda: «Voz de Antas», como mensageira e arauto de toda a comunidade, assegura ao ilustre membro do Governo, que continuamente pedirá a Deus a luz e a coragem necessárias para que se desempenhe com a eficiência esperada do alto cargo a que foi elevado.

≡ Divertimento e pecado são coisas muito diferentes ≡

No Domingo, 17 de Agosto, de manhã, ouviu-se, na igreja, o seguinte aviso:

— Logo à tarde, os rapazes solteiros que assim o desejarem devem apresentar-se no adro, cada um com a sua bicicleta, a fim de realizarmos uma reunião.

Não foi preciso mais nada. Imediatamente todos começaram a torcer o nariz entre intrigados e curiosos:

— Hum!... Todos os rapazes?!... De bicicleta?!... Uma reunião?! Mas que falta faz uma bicicleta, numa reunião? Será o caso que o Senhor Reitor... Às vezes... o trabalho é muito, as canseiras não são menos e às vezes... enfim, os nervos... cansam-se... Deus nos livre disso...

* * *

Estas incertezas e dúvidas aguçaram ainda mais a curiosidade da «malta» que se lançou com grande entusiasmo à procura da tal bicicleta, apetrecho indispensável

para a intrigante e misteriosa reunião. E tal foi o cuidado e a diligência, que sessenta e cinco conseguiram o dito velocípede e apresentaram-se à hora aprazada, no adro da igreja. Alguns, que não conseguiram a tão falada bicicleta, ficaram tão tristes, tão tristes (isto que não se saiba fora da freguesia) que... até choraram.

E então, perante enorme expectativa, começou a reunião com as seguintes palavras:

— Estão dispostos a ir comigo, montados nessas bicicletas, até à Amorosa, para lá nos divertirmos um pouco e comer-mos uma merenda?

A resposta foi um «sim» entusiástico gritado por seis dezenas e meia de vozes masculinas.

— Mas querem ir directamente ou preferem fazer um circuito ciclista antes de chegar lá?

(Continua na 4.ª página)

O PENEDO DO MONGE

(Continuação)

Às vezes as mulheres desciam o monte com feixes de Faulha à cabeça. Partiam ao romper da madrugada, aos bandos, encosta acima. Iam para longe. Percorriam em quase todas as direcções os pinhais que se estendiam até à Figueiró, Vila Chã, Sobreiro do Rei. A horas de fazer o almoço, lá vinham elas. Feixes enormes, apertados com dificuldade, ancinho ao ombro. Muito sumidas, quase derreadas, desciam com pressa a montanha sem tropeçar nos calhaus. Ao princípio, o monge via-as e ficava-se a olhar cheio de pena. Depois não resistia. Tomava-lhes o feixe enorme e descia com elas a montanha. Elas diziam que não, que não era preciso. Mas ele não acreditava que não fosse preciso. Tão sumidas, tão derreadas. E vindas sabe Deus de que distâncias.

Ao fundo da encosta elas pediam-lhe o feixe. Que agora já o piso não era tão mal cavacado e elas já se ajeitariam melhor. Que Deus lhe pagasse.

E ele dava-lhes o feixe. Bem sabia que elas não gostariam que na aldeia se soubesse que ele lhes tinha trazido o feixe.

— O quê? O mostrengo trouxe-te o feixe? E tu deixaste?

— Foi ele que mo tirou da cabeça.

— Peçonhento.

Ele bem ouvira nas encruzilhadas. Ouvira e subira a encosta cheio de tristeza. E ficara à espera que o calor esmorecesse. E que chegasse o Corrêcio. E que chegassem os garotos. E a alegria que eles espalhavam pela serra.

*

Pendurada num pinheirito, junto do Penedo, tinha o Monge uma sineta. Quando a noite chegava, ouvia-se na encosta de Belinho a sineta a tocar. Era o Monge a tocar às Trindades. Tocava também ao meio dia. E quando alguma cabra morria, o Monge fazia badalar a sineta como se fora gente que falecera. Outras vezes, a horas mortas da noite, lá estava a sineta a tocar atrás das encostas. E aquele toque na solidão, ferindo a noite assustava o povoado. Fazia lembrar vozes do outro mundo. E o povo começou a desconfiar se não andaria ali alma penada. Dizia-se que o Monge tinha sido baptizado na Matriz de Viana, mas ao certo ninguém o sabia. Aqueles ares de sofrimento... aquele todo de penado... hum...

Pelo sim e pelo não a verdade é que o Monge

começou a surgir como uma figura pouco desejada que viera perturbar o sossego da povoação.

— Temos que liquidar o mostrengo.

— Tinhoso.

*

— Tio Monge.

— Ah!

E o Monge veio à porta. Era o Corrêcio, mas havia novidade com certeza, que ainda não eram horas do Corrêcio aparecer.

— Não sabe? Vocemecê tem que fugir.

— Eu? Tenho que fugir?

Tinha. Na aldeia os mariolas queriam-lhe mal. Ele ouvira tudo na taberna. Tinham combinado entre gargalhadas cheias de vinho pregarem-lhe uma partida. Eram maus. Naquela terra a gente era má, tio Monge.

— Eu fugir? Eu não tenho para onde ir, Corrêcio.

— Pois não.

— Todos me escorraçam.

— Pois é, tio Monge.

À noitinha, Corrêcio era certo pelas vendas a ouvir as conversas. Ele queria apurar e saber mais pormenores para quando fosse o dia avisar o tio Monge e o tio Monge fugir.

Uma noite de chuva o Monge ouviu barulho lá fora. Vozes. O vento estava sul e trazia-lhe as vozes. Mau. Andava ali gente com certeza. Ia a acender a luz.

— Se o animal acordar ponham-se a postos, não vá ele escapar-se.

.....

— Senhora da Guia!

.....

Quando a manhã rompeu, arripiada e triste, uma pedra enorme tapava a entrada do penedo. Pelas frinchas dois olhos saíam cheios de angústia. Na montanha chovia.

*

Chovia e choveu toda a semana. Aqueles aguaceiros persistentes varreram os restos de verão que, Outono fora, ainda douravam as tardes. Água santa para os campos — dizia-se.

Com aquela rega as ervas ressuscitavam.

Tup tup. Escorrega aqui, suja-se além, Corrêcio já ia cansado da subida. Era difícil subir o monte assim com aqueles carreiros enlameados e cheios de água. Caminhos de cabras. No verão fazia-se aquilo em dois credos, mas com um tempo destes, irra!

— Eh tio Monge.

Há mais de uma semana que não subia a mon-

(Continua na 5.ª página)

F E S T A

D E

Nossa Senhora das Vitórias

Foi nos dias 7 e 8 de Julho que se realizaram as grandes festividades, em honra de Nossa Senhora das Vitórias.

Estamos todos de parabéns, pela maneira como foram concorridas e pelos forasteiros que nesse dia nos visitaram.

Foram abrilhantadas por duas Bandas de Música como de costume, sendo uma da nossa terra e a outra a Banda Musical das Caldas das Taipas.

A comissão agradece a todos os seus conterrâneos a maneira como foram recebidos, não-esquecendo, dum modo muito especial todos aqueles que se encontram ausentes, dentro e fora da Mãe Pátria, trabalhando pela vida ou servindo a Pátria.

Junto enviamos uma relação de todos que, nesse dia, longe de nós, não se esqueceram de Nossa Senhora com um pouco das suas economias para que as suas Festividades não perdessem o brilho dos anos anteriores.

Recebemos do Brasil

	Cruzeiros
Antônio Alves da Cruz Faria	2.000,00
Amadeu Martins Meira	2.000,00
Neireides Martins Meira	1.000,00
Sebastião Alves Caseiro	1.000,00
Teodoro Martins Ledo	2.000,00
João Meira	2.000,00
Antônio Meira Portela	1.000,00
José Gonçalves Portela	1.000,00
Filipe Gonçalves Cardante	2.000,00
Manuel Pereira Mota	1.000,00
Raúl Carvalho Alves Caseiro	1.000,00
Virgílio Laranjeira	1.000,00
José Rodrigues Lapeiro (Júnior)	1.000,00
Amândio da Cruz Viana	800,00
Manuel de Matos Vitorino	1.000,00
Domingos Martins Vitorino	200,00
Antônio Celestino G. Pereira	1.000,00
Manuel Barbosa	1.000,00
Soma	22.000,00
Câmbio	1.000\$00
Avelino Alves Caseiro	100\$00
Soma	1.100\$00

Argentina

Manuel Laranjeira Amaro	50\$00
Ermes Rodrigues da Costa	50\$00
Avelino da Silva	124\$00
Armando da Costa Azevedo	200\$00
Manuel Meira (Castelo do Neiva)	200\$00
Alexandra da Costa Cruz	100\$00
Mário Azevedo da Cruz	50\$00
Felismina da Cruz Barbosa	50\$00
Fernando da Costa Rolo	100\$00
Olívia Rodrigues Sampaio	100\$00
Arlindo dos Santos Viana	150\$00
Anónimos	300\$00
Manuel da Costa Elias	50\$00

Soma 1.524\$00

França

José de Azevedo Viana	50\$00
Antônio Moreira	25\$00
Manuel da Cruz Caseiro	50\$00
Benardo da Cruz Caseiro	50\$00
Antônio Viana Rolo Agra	50\$00
Antônio Fernandes Gomes	30\$00
Laurentino M. do Vale	115\$00
Anónimo	100\$00

Soma 470\$00

Segue na página 4

Angola

Manuel Barros da Costa	50\$00
Manuel Alves da Cruz Viana	150\$00
Eduardo Viana da Cruz	50\$00
Manuel Fernandes Lopes	100\$00
Manuel Alves Meira da Cruz.	200\$00
José Pedreira Rodrigues	20\$00
António Vieira da Costa	20\$00
Albino Pereira de Sá	100\$00
Manuel Viana da Cruz.	20\$00
Soma	710\$00

Moçambique

Augusto de Carvalho Torrinhos	100\$00
Manuel Moreira Marques	100\$00
D. Horácia de Carvalho Torrinhos.	100\$00
Armindo de Carvalho Torrinhos	70\$00
Manuel de Barros Alves Ferreira	20\$00
Soma	390\$00

Continente

Manuel Fernandes de Sá, Lisboa	100\$00
Rosa Rodrigues Meira, Lisboa	50\$00
José G. de Sousa Caseiro, Lisboa.	20\$00
Cândido F. Penteado, Lisboa	20\$00
Manuel R. Cachada, Santarém	100\$00
D. Maria A. de Sá Carneiro, Porto	100\$00
Augusto Pereira de Barros, Porto	20\$00
Irene da Cruz Sá, Porto	20\$00
Adelino A. Meiro, Porto.	20\$00
Daniel da Cruz F. de Sá, Porto	20\$00
Daniel Vicente Rei, Barcelos	50\$00
José Viana Caramalho, Gaia	20\$00
Manuel L. de Faria, Vizeu	20\$00
António Martins, Guarda	20\$00
Albina G. Eiras, Matozinhos	20\$00
Manuel C. R. Cachada, Amares	20\$00
Américo M. Meira, V. do Castelo.	50\$00
Albina M. da Gema, Carreço.	20\$00
Maria de F. B. Chasco, Areosa	10\$00
Maria de L. R. dos Santos, Alvarões.	5\$00

Cândido Alves da Cruz, Gerez	20\$00
Augusto Gonçalves Caramalho, Miranda do Douro.	50\$00
Albino Faria da Cruz, Beliuho	20\$00
José Meitês C. do Neiva.	50\$00
Anónimo.	30\$00
Soma	875\$00

Publicámos os nomes daqueles que, por carta ou outro meio, nos enviaram, de fora de S. Paio os seus donativos para a festa para que seibem que os recebemos.

Esses donativos juntos com os que cá conseguimos totalizaram 14.501\$00
para cobrir uma despesa de 17.569\$90
Houve, pois, um déficit de 3.068\$90

Como os Comissários são 101
cada qual terá de contribuir com. 30\$40

Para o próximo ano
foi eleita a seguinte

Comissão :

José Dias Ferreira
José Lourenço Faria
José Fernandes Pereira de Carvalho
Serafim Martins Vitorino
Francisco Fagundes da Costa.

A Comissão deste ano, ao terminar os seus trabalhos, mais uma vez agradece a todos os auxílios e ajudas prestadas.

A Comissão,

Albino Alves Faria
Manuel Alves da Cruz
David Fernandes Pereira de Carvalho
Augusto Meira da Cruz.

DO SONHO À REALIDADE...

FOI uma manhã de Domingo, se a memória me não atraiçoa, em vésperas da Páscoa. Terrinada a Missa do dia, encontrava-se o nosso saudoso Reitor conversando com alguns amigos. Batem à porta... — « Uma Comissão que procura angariar donativos para ajudar um lavrador a quem morreu um animal ». — Discute-se o assunto e comenta-se o facto. Uma voz um tanto revolucionária se levanta, mas a favor da Justiça. ¿ Porque mendigar aquilo a que, por lógica, se deveria ter direito? — ¿ Porque razão o pobre lavrador há-de andar sempre aflito, preocupado com a incerteza do dia de amanhã?

Mas então, pergunta-se — ¿ Há remédio simples para casos destes? Talvez o Estado possa fazer justiça ao desgraçado?

Não! e Sim! responde outra voz. Não, porque não compete ao Estado arcar com as responsabilidades individuais dos cidadãos. Sim, porque ele prevendo e resolvendo casos idênticos, imaginou e criou organizações que, embora por ele patrocinadas, devem partir da iniciativa privada.

Generaliza-se a discussão; quer-se saber do que se trata. A supervisão do nosso Reitor começa a conduzir a conversa. Trata-se, então, das MÚTUAS DE GADO, inquire, sociedades seguradoras, de carácter colectivo que, nos momentos críticos, vem em socorro dos atingidos. E logo ali, com a boa vontade de todos e o apadrinhamento do saudoso Reitor se criou, em S. Paio, a primeira MÚTUA DE GADO e se constituiu a sua primeira Direcção.

Produziu, durante algum tempo (não tanto quanto desejaríamos...) bons frutos. Durante a sua vigência, as vítimas de desastre no gado, viram a resolução do seu caso sempre fácil e rapidamente satisfeita, sem ter de estenderem a mão à caridade.

Mal daninho, nunca diagnosticado, levou a MÚTUA a pouco e pouco à sepultura.

Passaram anos. Outro bom REITOR, talvez inspirado nos bons officios do seu antecessor, em boa e feliz hora, pensou

em ressurgir a nossa MÚTUA, agora baseada em termos e regimentos legais, que lhe assegurarão regularidade de funcionamento e vida longa.

Não deixemos fugir tão boa ocasião e tão bela e proficua iniciativa. É só preciso que todos queiramos um bocadinho. E se todos assim o quiserem, com tão proficiente pastor, pode o rebanho engordar...

Demos as mãos à sua volta e com a boa vontade de todos e um bocadinho de esforço e trabalho de alguns, não tardará muito que, em breve, a MÚTUA DE GADO de S. Paio de Antas seja uma realidade palpável, impondo se à consideração de todos.

Agradeçamos ao SENHOR e tenhamos confiança na condução do nosso pastor.

Agosto / 1958.

AZEVEDO

Festa em Honra de S.^{ta} Tecla

No dia 7 de Setembro (1.º domingo) realizaremos com muito fervor e devoção a festa em honra de Santa Tecla, que se venera na sua capela no lugar de Guilheta.

O programa será, mais ou menos, o dos anos anteriores. Haverá 3 sermões, no sábado a Santa Filomena e Santa Bárbara, domingo de manhã a Santa Luzia e de tarde a Santa Tecla.

Santa Tecla, oráculo principal da festa do próximo dia 7, é invocada na hora da morte como poderosa auxiliar dos agonizantes.

O PENEDO DO MONGE

(Continuação da 2.ª página)

tanha e agora com o inverno ainda subiria menos vezes. Coitado do velho. Quem é que lhe teria ido à loja e à padaria?

— Oh!

*

Quando a noite desceu sobre a montanha, Corrécio dormia, encostado à pedra enorme que fechava a boca do penedo com os olhos vermelhos de chorar. Pela montanha pousavam névoas. E lá no alto um céu negro de inverno.

NOTICIÁRIO

Baptizados

O baptismo é o mais importante dos sacramentos, porque é absolutamente necessário para a salvação; por conseguinte as crianças que morrem sem baptismo não entram no Céu.

Manuel Viana Vaz Saleiro, filho de José Afonso Vaz Saleiro e de Maria de Lurdes Pereira Viana, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizado a 15/8.

Maria Eduarda da Silva Simões, filha de António Vieira Simões e de Maria de Fátima Sá da Silva, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 17/8.

Casamento

Domingos Alves de Azevedo casou com Arminda Moreira de Faria, de S. Paio de Cima, a 2/8 no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro.

« O matrimónio é também um dos sete rios que nos trazem as graças da Redenção ».

Tomada de Hábito

Maria Angélica Azevedo Neiva tomou o hábito da Congregação do Espírito Santo, em Braga, no dia 5/8.

Óbitos

Luis Eiras de Meira Torres (do Poço), de 86 anos de idade, casado com Maria Gonçalves Pereira, faleceu no lugar de Belinho a 6/8.

Albertina da Assunção (Viana), de 82 anos, viúva de António Antunes Lourenço de Sousa, faleceu no lugar da Estrada a 14/8.

Albino da Silva Vieira, de 5 meses de idade, filho de Albino Simões Vieira e de Maria Alice Sá da Silva, faleceu no lugar do Monte a 16/8. Foi confirmado.

Maria da Graça Faria de Gregório, filha de Manuel Miranda Pires de Gregório e de Deolinda Rita de Faria, faleceu no lugar de Guilheta a 23/8.

Henrique Martins Vitorino, de 44 anos de idade, casado com Amélia Pereira de Barros, atacado por uma doença no coração, faleceu a 2/58.

Descansem em Paz.

Em Férias

Em S. Paio, que para alguns é terra natal ou dos antepassados e para outros adoptiva, mas para todos é terra querida e hospitaleira, encontram-se em gozo de férias:

Na sua Quinta de Belinho o escritor e drama-

turgo João Correia de Oliveira e Ex.^{ma} Esposa Sr.^a D. Maria Cândida.

— Na sua casa no lugar de Azevedo a ilustre Família Azevedo.

— E no mesmo lugar o Sr. Manuel Alves de Azevedo e Esposa D. Leonilde Azevedo.

— A Sr.^a D. Maria Antónia Sá Carneiro e família na sua casa do lugar da Pereira.

— No « Casal de N.^a S.^a do Monte » o sr. Armando Azevedo e família.

— Na sua casa da Praia o Sr. Albino Azevedo e família.

— Estiveram também alguns dias os Srs.: Domingos Martins Ledo e família; Manuel Caseiro, funcionário do Ministério das Finanças; Cândido Martins Ledo e família, residentes em França.

* * *

De França, onde regressará novamente, chegou José Joaquim Durrães Moreira.

Partiram ...

Para França, Albino Azevedo e Sá, Manuel Azevedo Neiva, Domingos Alves de Azevedo e Augusto da Cruz Caseiro, este último pela 1.^a vez.

Exames

Fizeram provas de aptidão à Universidade de Coimbra e foram admitidos:

Manuel Meira da Cruz, para a Faculdade de Letras e Augusto de Azevedo Saleiro, para a Faculdade de Direito.

— P.^o Adélio Torres Neiva C. Sp. (o nosso contista) passou, com distinção, para o 2.^o ano de Histórico-Filosóficas da Universidade de Coimbra.

— Maria Amélia Meira Gonçalves Pereira, passou para o 2.^o ano de Físico-Químicas da Universidade do Porto.

Fizeram exame da 4.^a classe e passaram:

Alberto Meira de Barros, António Gonçalves Xavier da Costa, Anselmo Laranjeira da Costa, Cândido Alves Meira da Cruz, Cândido Silva da Cunha, Domingos Alves da Cruz, Domingos Gonçalves Moreira, José Sá da Silva, Manuel Emílio Pereira Neiva, Manuel Rolo Vieira, Manuel Fernando Lanhoso Mota Ferreira (admissão ao liceu), Manuel Estevão Meira Cardante, Manuel A. Ferreira Ledo, Manuel Abreu Rolo, Manuel Almeida da Cruz, Manuel Pereira de Barros, Manuel Ribeiro da Cruz, Amélia da Cruz Caseiro, Maria Madalena da Cruz Costa, Maria Fernanda dos Santos Viana e Ermelinda Lima Rolo Torres.

Fizeram exame de 3.^a classe 36 e reprovou 1.